

I Encontro de iniciação à prática docente

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE VIRGINDADE

Francisca Regiane de Souza **
Ruttany de Souza Alves Ferreira **
Wigna Nibegna Assis de Almeida **
Zaira de Aquino Carolino **
Lilian K. de S. Galvão *

** Acadêmicos de Pedagogia (UAE, CFP, UFCG)

* Professora/Orientadora (UAE, CFP, UFCG)

Resumo

Fundamentado em uma perspectiva sócio-histórica, este trabalho tem como objetivo principal elencar as representações de estudantes do sertão paraibano e cearense acerca da iniciação sexual, assim como investigar qual o papel da escola nesta representação. Foi realizada uma pesquisa com 162 alunos/as, do sexo feminino e do sexo masculino, do ensino médio e do ensino superior, com idades variando de 15 a 27 anos. Os/as participantes responderam a um questionário composto por sete questões, que se condensaram em dois eixos temáticos. Sobre a questão da virgindade, este estudo demonstrou que no sertão paraibano e cearense o valor virgindade ainda é relevante, havendo, neste caso, um tratamento diferenciado entre a vivência da sexualidade masculina e feminina. No que tange a questão relacionada à educação sexual nas escolas, a maioria dos/as participantes, independente do gênero (masculino ou feminino), demonstraram favorabilidade em relação à discussão do tema sexo em sala de aula, embora os/as participantes admitam que a principal fonte de debate acerca da referida temática são os/as amigos/as.

Palavras-chave: Virgindade, gênero, sexualidade e educação.

Introdução

O presente trabalho foi realizado por alunas vinculadas ao Projeto de Monitoria da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que, de forma voluntária, se dispuseram, em um horário extra, a participar de uma pesquisa, como parte integrante da aprendizagem da atividade docente, sob a orientação da Profa. Lilian Galvão. A proposta de incluir o grupo de monitoras em um projeto de pesquisa traz subjacente a idéia de que o ensino não se limita a atividade docente vinculada à sala de aula, mas também compreende as atividades de pesquisa e extensão. Neste sentido, as alunas foram estimuladas a participar não apenas das atividades inerentes a um/a monitor/a, como também a um/a pesquisador/a. Neste último caso, elas aprenderam desde como se pensa um problema de pesquisa até a construção de um artigo científico. Mais precisamente, elas foram orientadas a construir um instrumento, a aplicá-lo, a criar um banco de dados no programa estatístico denominado SPSS e a realizar análises de conteúdo e análises estatísticas, bem como a organizar esses resultados no formato de um artigo.

Para a realização deste treino da prática da pesquisa, as monitoras se inseriram em um projeto de pesquisa que tem como objetivo principal analisar as construções de sexualidade e gênero no sertão paraibano e cearense. Porém, neste trabalho, serão

I Encontro de iniciação à prática docente

apresentados apenas dados pré-eliminatórios acerca da variável iniciação sexual, mediante o conceito de virgindade.

A sexualidade, neste estudo, é compreendida como uma construção social e histórica, que transcende a questão pessoal, estando diretamente relacionada à forma como a sociedade se organiza culturalmente (FOUCAULT, 2005). De forma semelhante, acredita-se que as relações de gênero também estão atreladas a uma construção social, e devem ser analisadas, parafraseando Scott (1995), a partir de uma perspectiva histórica, já que cada sociedade possui seus próprios critérios para normatizar suas relações sociais. Nesse sentido, far-se-á, nas próximas linhas, uma breve contextualização histórica acerca da sexualidade.

Em séculos passados, a iniciação sexual estava, sobretudo, atrelada ao pecado, a honra, a repressão. Havendo, contudo, normatizações diferentes em função do gênero: a iniciação sexual da mulher deveria acontecer apenas no casamento, com a finalidade de procriação, enquanto ao homem era permitida a prática sexual e a busca do prazer fora dos limites do casamento. Nesse período, não existia uma relação direta entre amor e casamento.

Já no século XX, conforme relata Giddens (1993), surge o amor romântico, que levou a valorização do amor sob todos os aspectos, inclusive o sexual, ainda que a sexualidade continuasse vinculada à procriação. Na década de 60, conforme ressalta Sales (1988), o "movimento hippie" surgiu como um movimento em prol da derrubada de mitos políticos, culturais, sociais, assim como os sexuais, como o da virgindade e da superioridade masculina.

Seguindo esse percurso histórico, nota-se que a idade da primeira relação sexual vem diminuindo a cada ano. Não obstante, ainda com diferenças marcantes em relação ao gênero (BORGES & SCHOR, 2005; BOZON, & HEILBORN, 2006; Ministério da Saúde, 2000).

Nos EUA, entre 1938 e 1950 aproximadamente 7% das mulheres tinham atividade sexual aos dezesseis anos (KINSEY, 1948). Em 1960, 20% dos homens e 12% das mulheres de 15 a 19 anos tinham atividade sexual. Na década de 70 esse percentual subiu para 55% para os homens e 46% para as mulheres (STRANSBURGER, 1985).

No Canadá, observou-se também diminuição da virgindade na adolescência. Segundo uma pesquisa realizada por Desjardins, Langlois e Lemoyne (1986), 58,3% dos jovens entre 15 e 20 anos de idade, já tinham tido relação sexual, com média de idade de 16,5 anos. Sabendo que, em 1976 no Canadá, a percentagem era de 48,2%, com média de idade de 17,3 anos.

Na França, de acordo com Dolto (1988), os valores se inverteram em relação à virgindade: as meninas que já tiveram relação sexual são mais valorizadas.

No Brasil, tem-se observado uma tendência de antecipação do início da vida sexual, sobretudo entre as mulheres. Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde (2000) revelou que o valor mediano do início da vida sexual, em 1984, foi 16,0 anos entre as mulheres de 16 a 19 anos de idade; em 1998, a idade mediana verificada diminuiu para 15,0 anos. A proporção de adolescentes do sexo masculino que tiveram a primeira relação sexual até os 14 anos de idade foi 35,2% em 1984; em 1998 esse percentual subiu para 46,7%. A proporção de mulheres que tiveram a primeira relação sexual antes dos 14 anos praticamente dobrou entre 1984 e 1998: 13,6% e 32,3%, respectivamente. Em outras palavras, esses dados indicam que no Brasil, as mulheres começam a vida sexual mais tardiamente se comparadas aos homens, mas a mudança ocorrida na proporção de iniciação sexual de 1984 a 1998 é muito superior entre as mulheres.

I Encontro de iniciação à prática docente

Uma outra pesquisa brasileira, realizada em Porto Alegre, por Souza (1987), com jovens universitários revelou que 55,3% das mulheres e 91,7% dos homens já tinham tido relações sexuais genitais; sendo que 93,9% das mulheres e em 99,6% dos homens as relações sexuais foram antes do casamento; a idade média da primeira relação sexual foi de 17 anos nas mulheres e de 15 anos entre os homens.

Um estudo mais recente, realizado no ano de 2007, pelo Instituto de Pesquisa A Tribuna, com jovens brasileiros da cidade de Santos (SP), entre 15 e 21 anos de idade, revelou que os jovens não dão muita importância a virgindade: 69,9% disseram que não é importante casar virgem e apenas 23,5% mostraram-se favoráveis, utilizando argumentos religiosos e a defesa da não banalização do sexo.

E, o que pensam os jovens do sertão nordestino acerca da virgindade? É exatamente para tentar responder a esta pergunta que este trabalho teve como objetivo principal elencar as representações de estudantes do sertão paraibano e cearense acerca da iniciação sexual, assim como investigar qual o papel da escola nesta representação.

Sobre o papel da escola na formação docente, os Parâmetros Curriculares Nacionais, de acordo com a lei de Diretrizes e Bases, número 9394 de 20 de dezembro de 1996, têm como um dos pressupostos o ensino, de forma transversal, do tema Sexualidade nas escolas brasileiras.

Por outro lado, Camargo e Ribeiro (1999, p. 39) chamam atenção para o fato de que apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais legitimarem o debate do tema sexualidade nas escolas, esta não é uma opinião consensual:

Muitos consideram, ainda hoje, a abordagem de questões sexuais na escola como algo não sadio, pois estimularia precocemente a sexualidade da criança e do adolescente. Para outros, a discussão orientada de temas relacionados à sexualidade proporcionaria aos jovens o conhecimento da importância da vida sexual, bem mais cedo e com maior profundidade.

Sobre a questão da inserção do tema sexualidade nas escolas, Louro (1997) comenta:

As questões referentes à sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula- assumidamente ou não – nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes (p. 131).

Mas, o que pensam os jovens a este respeito? Ou seja, são eles favoráveis ou não ao debate da sexualidade no espaço escolar? Este é um dos pontos que será refletido nesse estudo.

Método

Participaram dessa pesquisa 162 alunos/as, sendo 53% do sexo feminino e 47% do sexo masculino; 51% do ensino médio e 48% do ensino superior de cursos de formação de professores (letras e pedagogia); 88% com estado civil solteiro/a, 9%

I Encontro de iniciação à prática docente

casado/a e 3% separado/a; com idades variando de 15 a 27 anos (M=20; DP=2,8); predominantemente identificados/as como católicos/as (F=130).

Esses/as participantes responderam a um questionário composto por sete questões, dentre as quais apenas serão analisadas cinco, que se condensam nos seguintes eixos temáticos:

a) *Virgindade e gênero* – Para elencar as representações que os/as estudantes têm acerca da virgindade, em função do gênero, os/as participantes responderam as seguintes questões: (1) Você acha que a MULHER deve casar virgem? (2) Você acha que o HOMEM deve casar virgem? (3) Você pretende se casar (ou se casou) virgem?

b) *Sexualidade e Educação* – Buscou-se apreender como os/as pesquisados/as percebem o papel da Escola e dos agentes de socialização na educação sexual, mediante as seguintes questões: (1) Você acha que o tema SEXO deve ser debatido com os/as professores/as nas escolas? (2) Com quem você mais conversa sobre sexo?

A aplicação do instrumento foi realizada por pesquisadores/as previamente treinados/as, que, após esclarecerem os objetivos da pesquisa e garantir seu anonimato, orientaram os/as participantes a responderem o instrumento e colocá-lo dentro de um envelope, após concluírem suas respostas. A aplicação durou cerca de 30 minutos.

As questões subjetivas foram analisadas por meio da análise de conteúdo, tendo como referência Bardin (1977), e as questões objetivas foram avaliadas mediante estatísticas descritivas (frequência, porcentagem e médias) e inferencial (teste de qui-quadrado), realizadas por meio do pacote estatístico SPSS – Versão 17. É relevante informar que, neste trabalho, só serão apresentados os dados objetivos.

Resultados

Virgindade e gênero

No que se refere à questão “Você acha que a MULHER deve casar virgem?”, os resultados revelaram que os homens pensam de forma diferenciada das mulheres, segundo a análise do Qui-quadrado (X^2 (N = 162; 2) 16,16; $p \leq 0,00$): as participantes do sexo feminino responderam em relação a esta questão, sobretudo, “depende”, seguido de “sim”, com uma frequência menor de respostas “não”; os participantes do sexo masculino, por sua vez, dividiram suas opiniões entre “sim” e “depende”, com uma frequência menor de respostas “não”, mas que, de forma intrigante, se sobressaíram às respostas “não” das participantes do sexo feminino (Figura 1).

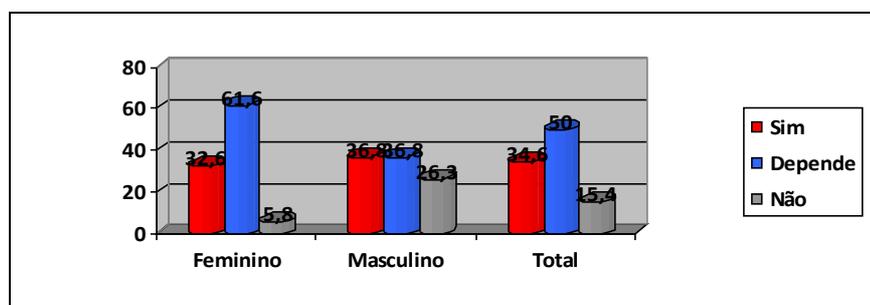
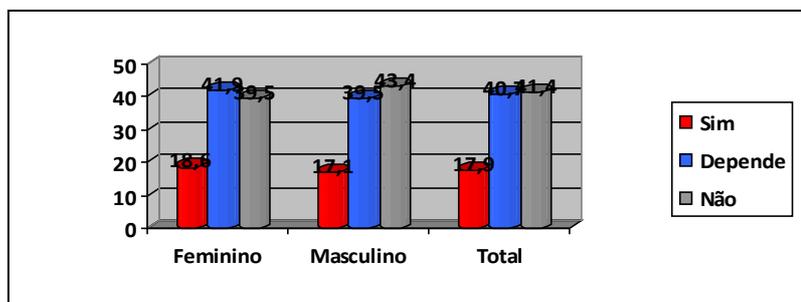


Figura 1: Porcentagens de respostas em relação a pergunta “Você acha que a MULHER deve casar virgem?”, em função do gênero

I Encontro de iniciação à prática docente

No que se refere à questão “Você acha que o HOMEM deve casar virgem?”, os resultados revelaram que os homens pensam de forma semelhante às mulheres: em relação a esta questão ambos os grupos dividiram suas opiniões entre “depende” e “não”; e deram uma menor frequência de respostas na categoria “sim”, conforme pode ser visto na Figura 2 abaixo.



Figura

2:

Porcentagens de respostas em relação a pergunta “Você acha que o HOMEM deve casar virgem?”, em função do gênero

Note-se, na Figura 3, que na comparação dos totais das respostas às questões “Você acha que a MULHER deve casar virgem?” e “Você acha que o HOMEM deve casar virgem?”, houve uma diferenciação entre as opiniões em função do gênero: quando se tratou da virgindade feminina, percebeu-se o predomínio de respostas “sim” e da virgindade masculina, observou-se o predomínio de respostas “não”.

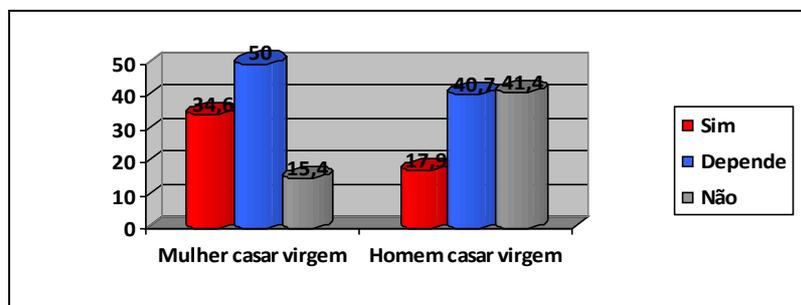


Figura 3: Porcentagens de respostas em relação às perguntas “Você acha que a MULHER deve casar virgem?” e “Você acha que o HOMEM deve casar virgem” – uma análise comparativa

Na Figura 4, observa-se que houve uma diferença significativa, segundo a análise do Qui-quadrado (X^2 (N = 162; 2) 25,29; $p \leq 0,00$), entre homens e mulheres no que se refere à questão “Você pretende se casar (ou se casou) virgem?": enquanto entre as mulheres prevaleceu a resposta “sim”, entre os homens predominou a resposta “não”.

I Encontro de iniciação à prática docente

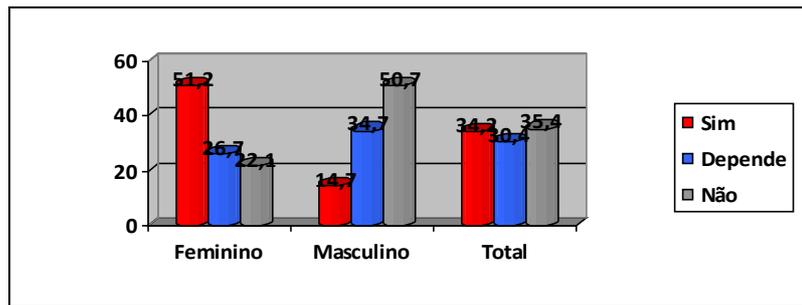


Figura 4: Porcentagens de respostas em relação às perguntas “Você pretende se casar (ou se casou) virgem?”, em função do gênero

Sexualidade e Educação

No que tange a questão relacionada à educação sexual nas escolas, a grande maioria dos/as participantes, independente do gênero (masculino ou feminino), demonstraram favorabilidade em relação à discussão do tema sexo em sala de aula, com os/as professores/as (Figura 5).

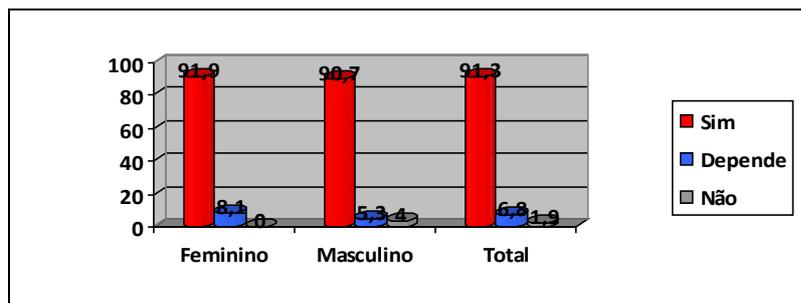


Figura 5: Porcentagens de respostas em relação às perguntas “Você acha que o tema sexo deve ser debatido com os professores nas escolas?”, em função do gênero

Por outro lado, quando indagados/as acerca de quem é a pessoa com quem eles/as conversam sobre sexualidade, independente do gênero, eles/as atribuíram aos/as amigos/as este papel, dando pouca relevância ao papel do/a professor/a neste diálogo.

I Encontro de iniciação à prática docente

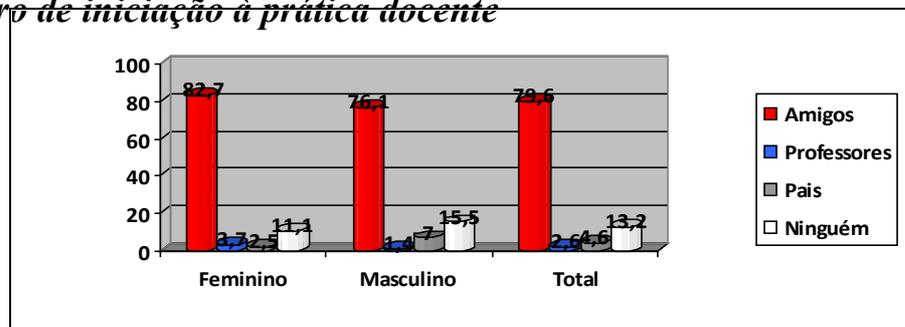


Figura 6: Porcentagens de respostas em relação à pergunta “Com quem você mais conversa sobre sexo?”, em função do gênero

Discussão

Neste trabalho, conforme já foi mencionado na introdução, analisou-se apenas uma parte dos dados de uma pesquisa mais ampla acerca da sexualidade e do gênero; mais precisamente, se avaliou somente os dados objetivos. Nesse sentido, dar-se-á destaque somente a discussão de alguns pontos relacionados à pesquisa, o que torna esta discussão com características também pré-eliminatórias.

Sobre a questão da virgindade, este estudo demonstrou que no sertão paraibano e cearense o valor virgindade ainda é relevante, havendo, neste caso, um tratamento diferenciado entre a vivência da sexualidade masculina e feminina, o que diverge dos resultados encontrados em uma pesquisa realizada com jovens da cidade de Santos (SP), pelo Instituto de Pesquisa A Tribuna, no ano de 2007. A este respeito, é importante esclarecer que a preocupação deste estudo não é formar opiniões que vão de encontro às tradições religiosas e familiares da região sertaneja, muito menos afirmar que este é um valor que não deve ser cultivado entre as pessoas, mas sim levar as instituições de ensino refletir acerca do processo de como a educação sexual vem acontecendo nas escolas e de que forma esta instituição tem contribuído com a diferenciação e discriminação de grupos, ou desrespeito a pessoa humana.

Embora haja registros de discussões e de trabalhos sobre o tema, em escolas, desde a década de 1920 (MEC, v.10, p.111), é no contexto atual que algumas questões acerca das sexualidades ganham evidência e procuram espaço no currículo formal. Em relação a este aspecto, a grande maioria dos/as participantes deste estudo revelou o apoio à educação sexual no espaço escolar, embora os/as participantes admitam que a principal fonte de debate acerca do tema “sexo” são os/as amigos/as.

Para finalizar, é importante registrar que se encontra em andamento as análises das questões subjetivas do questionário (o porquê de suas respostas), assim como, as análises das questões do instrumento em função de outras variáveis sócio-demográficas – grau de escolaridade, renda familiar, estado civil, religião e idade.

Referências

BORGES, A. L. V & SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo. **Cad. Saúde Pública**, 21 (1), 499-507, 2005.

BOZON, M. & Heilborn, M. L. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In M. L. Heilborn, E. M. L. Aquino, M. Bozon & D. Knauth (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 155-206, 2006.

I Encontro de iniciação à prática docente

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual – temas transversais**. Brasília, v. 10, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional DST/AIDS. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). **Pesquisa sobre comportamento sexual da população brasileira e percepções sobre HIV/AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. & RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

DEJARDINS, M. F. ; LANGLOIS, S. ; LEMOYNE, Y. Enquête épidémiologique sur la sexualité d'adolescents fréquentant un cégep. **Union Méd. Can.**, 115, p. 668-671, 1986.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988. 289p.

FOUCAULT, M.. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

INSTITUTO DE PESQUISA A TRIBUNA. **Dia dos namorados: pesquisa de opinião**. Santos, SP, 2007.

KINSEY, A. C. **Sexual behaviors in the human female**. Philadelphia, W. B: Saunders, 1953.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SALES, J. M. Os pais dos adolescentes. In: N. Vitiello (Org.). **Adolescência hoje**. São Paulo: Roca, p. 29-34, 1988.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

SOUZA, R. P. Estudo sobre comportamento sexual do jovem universitário de Porto Alegre (UFRGS e PUC/RS) **R. AMRIGS**, v. 31, n. 3, p. 203-7, 1987.

STRASBURGER, V. C. Sex, drugs, rock'n'roll: an introduction. **Pediatrics**, v. 4, p. 659-63, 1985.